

Joaquina Siquice:

Dom. 6/10/85

Bailarina só por gosto

por Lourenço Jossias (têxto) e Adriano Murato (fotos)

Se todos os cidadãos de um país estão livres de escolher, praticar e gostar de uma manifestação artística, Joaquina Siquice também acertou em chelo, ao escolher a dança. Com um olhar atento, bom domínio do corpo, boa voz e sobretudo muita vontade, Joaquina Siquice, bailarina da Companhia Nacional de Canto e Dança, não se arrepende da escolha que fez, uma vez que «danço por gosto e não por Interesses» — segundo palavras bem suas, ditas em entrevista concedida ao semanário «Domingo».

Artista profissional é uma das fundadoras da Companhia, Joaquina Siquice sente certo orgulho ao se recordar dos tempos difíceis, que também fazem parte da história daquele grupo artístico, e agora, diz: conseguimos vencer muitos dos problemas que tínhamos, e estamos a trabalhar. Trabalhar significa também preparar, arduamente, o novo bailado intitulado «NTSAY: A DEUSA RAINHA DO AMOR», figura que aliás é representada pela nossa entrevistada.

Nas condições actuais do nosso País, a profissionalização de uma mulher na arte é mais particularmente na dança, é algo que se afigura difícil. Sem contarmos com os tabus que sempre andaram à volta do assunto, os problemas evidentes derivados da própria conjuntura nacional podem constituir obstáculo à mulher que quer experimentar enveredar por esse caminho.

E quando a mulher em causa tem certa responsabilidade em casa, quando ela é casada, com um lar inteiro a olhar para ela, aí, as dificuldades podem até não ser autócias, para serem reais problemas à espera de uma solução. Se não existir uma vontade plena e sobretudo boa consciência, desistir será o mais fácil caminho.

Joaquina Manuel Siquice, 29 anos de idade, e casada, não é daquelas que desistem. Pelo contrário, procura ser, segundo fontes da Companhia Nacional de Canto e Dança, a artista mais assídua, mais consciente profissionalmente, tão assídua que chega ao fim de cada ano sem uma única falta nem um atraso.

Se é exemplar, o leitor que tire as suas conclusões. E se ela se esforça no seu trabalho, aí sim, o resultado poderá ser visto brevemente quando ela, já como a N'Tsay própria se exhibir no novo bailado em preparação.

Na Casa da Cultura, numa das salas, entrevistámos Joaquina Siquice, nome que conhecemos desde a fundação da Companhia, em 1979. Natural da Maxixe, em Inhambane, ela cresceu na Beira, onde viviu e continuou a viver os seus pais. O ambiente em que cresceu, descreve-o como tendo sido normal.

— O meu pai não permitia brincadeiras em prejuizo do estudo. Não me metia nem em danças nem festas, pelo que sempre ficava em casa a estudar — explica-nos, ao dar-nos a ideia de como é que cresceu na Beira.

Curioso é notar que apesar dessa disciplina imposta pelo seu pai, Joaquina Siquice, acabou por ser aquilo que exactamente não fazia na sua adolescência. Como se deu à viragem?

A nossa entrevistada responde com meio sorriso. Sempre quando alguém tem vocação para fazer uma coisa, a proibição ou qualquer outra dificuldade tornam-se nulas. A vontade, o gosto e a vocação pela dança, explicitam o começo de uma vida que foi, e, será dedicada ao canto e à dança.

Depois da sua formação académica numa escola secundária na Beira, Joaquina vai para Inhambane, sua terra natal, em 1971 onde, entre outras actividades, deu aulas numa escola/missão no distrito de Morrumbene. Aqui, sempre que houvesse festa apresentámos actividades culturais juntamente com os alunos — recorda-se. A sua actividade, naquela escola, foi importante, a tal ponto que em 1977, ela foi transferida para a Direcção Provincial de Educação e Cultura, no Sector da Música, Dança e Teatro.

— Aqui, por sua vez, viram que tinha que aumentar os meus conhecimentos e em 1978, vim para cá (para Maputo), estudar no Centro de Estudos Culturais — informa-nos a nossa interlocutora.

O curso que a esperava em Maputo, era o de instrutora de dança e ela própria não tem dificuldades em dizer que ele foi decisivo e muito importante.

O curso — diz Joaquina Siquice — durou dois anos e tínhamos danças (teoria e prática), coreografia e cenografia e tive a sorte de ter na altura, professores cubanos e guineenses, que eram muito bons.

A apreciação que faz do curso, é de que ele foi bom e muito proveitoso. Antes fazia as coisas por instinto e agora faço-as por conhecimento, materializando aquilo que estudei — esclarece.

Depois dessa curso, numa altura em que estava em formação a Companhia Nacional de Canto e Dança, aquela bailarina teve a sorte de estar integrada nos elementos que fizeram uma digressão pela América Latina, uma viagem que ficou famosa, que abrangeu Cuba, Jamaica e Guiana.

No regresso, Joaquina Siquice continuou no grupo e também no Centro de Estudos Culturais, agora não como aluna, mas já como instrutora da Dança Popular, disciplina que ensina as danças tradicionais do nosso País. A matéria dada era com base nos conhecimentos que havíamos adquirido no nosso curso e também com base em conversas que tínhamos com várias pessoas sobre o assunto — diz.

Depois do seu casamento, verificado em 1981, aquela artista pediu transferência para ir trabalhar na Beira e durante esse tempo, Joaquina Siquice, considera ter desenvolvido um trabalho útil, que lhe vai ficar na memória para sempre. Trabalhei no sector de Desenvolvimento Cultural e como tinha experiência na dança, formei um grupo que foi famoso, chamado Ngoma-Coxo.

Para quem tem boa memória ou tenha estado em Maputo, durante os trabalhos do IV Congresso, recordará deste nome que esteve cá e dançou, recitou poesia e cantou. Era constituído por trabalhadores de diversas empresas da Beira. Infelizmente, dissolveu-se depois da saída da Joaquina.

— Quando o grupo veio cá, du-



N'TSAY é a deusa, a rainha do amor, da beleza e da felicidade. É Joaquina Siquice, a nossa entrevistada que se vê em primeiro plano

rante o Congresso, pediram-me, para de novo, ficar na Companhia Nacional e como gosto destas coisas, fiquei, até hoje — relata-nos aquela dançarina.

Para ela, tal como para qualquer um dos seus colegas da companhia, as dificuldades existiram e existem, e são um obstáculo a ultrapassar. Tivemos muitos problemas, de início, que não sendo resolvidos um por um. A vontade encarrega-se de tudo, explica-nos.

Ela diz que não dança por interesse, nem nenhum dos seus colegas faz isso. Trabalhamos todos por gosto e entre nós, existe um bom espírito de entreajuda e ensinamo-nos uns aos outros.

Com um bom palmarés artístico em termos de viagens de trabalho e de actuações, (é da companhia também) no Festival Quilomba, realizado o ano passado no Brasil, para não falar do trabalho que

realizou na Beira, de dinamização cultural.

Do seu trabalho actual, a bailarina só sabe dizer que faz tudo por tudo, para não parar e dá o máximo do seu esforço para que tenha êxito.

Do novo bailado em preparação, já referido em edições recentes deste jornal, Joaquina, aliás a N'Tsay não quer divagações antecipadas. Estamos ainda a trabalhar nele e só dá feitura depois da conclusão...

E tal como qualquer integrante da Companhia Nacional de Canto e Dança, incluindo o seu director artístico David Abílio, nós também preferimos ficar à espera de N'Tsay, que há de vir para breve. Única novidade que existe é a de que os ensaios decorrem em ritmo muito acelerado, na Casa da Cultura, todas as manhãs e todas as tardes.



Joaquina Siquice: Ultrapassamos a fase difícil e agora estamos a trabalhar seriamente